

ADRIANA ANELI

Amor expresso

50 minicontos sobre o café



O projeto

Temos pressa. Nada, ninguém nos espera. E se temos tempo apenas para um café, é a partir dele que Amor Expresso conta suas histórias. A urgência aqui marca também a escolha da linguagem: são 50 minicontos, frases curtas, em que cenários e personagens se renovam numa espiral de humor e melancolia, sem nunca escapar de dois componentes comuns: o café e o afeto — aqui entendido como aquilo que “nos afeta, às diversas manifestações das pulsões, não só as do amor, mas também as da agressividade. O afeto é o que nos emociona, o que nos move, e que ganha no encontro com o Outro, igual ou diferente de si mesmo, a qualidade de sentimento: o que dá sentido às relações” (Groeninga, 2015). Cada conto revela instantâneos de encontros e desencontros, que podem acontecer numa cafeteria, no meio da rua, entre amantes ou vizinhos, em festas ou na solidão. Para o apreciador de café, as características mais importantes da bebida são: corpo, aroma, acidez, doçura e amargor. Notas breves e diversificadas, que, ao final, persistem no pensamento do leitor: doces ou amargas.

Prefácio

Júlio Damásio

O aroma está impregnado no livro “Amor expresso”, pois Adriana Aneli, na medida exata, filtrou seus minicontos até deixá-los com um delicioso sabor. Tem cafezinho rápido, que sela uma nova amizade, outros servidos para um breve bate-papo entre amigos... e há os cafés amargos das lembranças doces. Não importa se a bebida está na mão, na mesa ou no balcão, o café não será coadjuvante, sempre terá participação especial nos enredos da autora. Nada de café malfeito para justificar a proposta: a poesia se mistura ao café. Na obra de Adriana, os espaços, sejam eles sociais ou reclusos, remetem-nos a constantes transformações, ambientes coletivos, públicos ou visceralmente solitários, e que oferecem ao leitor janelas para a vida pulsante. Aqui temos o processo de mutação — ora possível, ora inimaginável — criando histórias que podem ocorrer neste exato momento e em qualquer lugar onde a vida humana se faça presente. É essa a genialidade que torna a literatura universal: um olhar que revela fatos tão humanos e reais, quanto despercebidos, como no conto que dá título ao livro, “Amor expresso”, onde a solidão alia-se à perspectiva de liberdade, ao mesmo tempo em que a personagem anseia pelo retorno a uma nova promessa de amor.

Posso aqui me utilizar do que o cronista precursor da literatura homoerótica, João do Rio, tão bem definiu em sua obra “A Alma Encantadora das Ruas”, na crônica “A rua”... a expressão “flâneur”: “flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem, perambular com inteligência, ter na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas”. Pois é exatamente isto que a autora nos oferece, um flanar, o transitar pelas facetas humanas, suas alegrias, dores, arrependimentos... Em “O milagre do pão”, temos a ânsia impregnada por mais e mais encontros que, na verdade, nunca se realizam: uma padaria onde o momento é suficiente para recuperar o fôlego necessário para enfrentar o ritmo urgente e solitário da urbe. Em seguida, flanamos pelo escritório, assistimos ansiosos ao café de colegas que se desejam, somos testemunhas dos breves encontros de vizinhos de apartamento, ou nos deparamos com a faceta capitalista ávida pelo lucro, a invisibilidade social, o recomeço possível despertado por uma xícara de café com leite, a decisão entre a vida e a morte. Nesta pluralidade de ambientes, uma cantiga de roda pode nos conectar à contemporaneidade, como no conto “Teresinha”, um

menu entre possíveis pretendentes em que o café define a escolha; em “A metáfora das asas” estamos diante do que Michel Foucault tão bem definiu: “Vigiar e punir”. Personagens que, dentro do esquema de punições exacerbadas, ainda encontram o caminho para se reumanizar. Em o “Pescador de ilusões”, somos confrontados pela figura de um mendigo e a constatação de que uma xícara de café tão banal — nossa rotina de colocar água para ferver, ligar a cafeteira, ou ainda moer os grãos — pode ser, para outros, um desejo que só será saciado

na bondade de alguém. É a vida frenética e frívola transformando seres humanos em seres invisíveis que, muitas vezes, valem-se de um ato de loucura emergencial (“Sem dor, sem ganho”) para voltar a ser notados. Entre os autores que apresentaram a versão moderna do conto estão Tchekhov e Katherine Mansfield, que em sua proposta abrem mão do final surpreendente e da estrutura fechada; trabalha-se a tensão de duas histórias, sendo uma oculta, sem a necessidade de resolvê-la, deixando ao leitor a missão de desvendá-la por sua imaginação. Adriana, ainda que sintonizada nessa corrente, não deixa de nos brindar com desfechos surpreendentes em seus contos. Em seu primeiro livro individual de prosa e com as mãos calejadas de poesia, a escritora se apresenta com a maestria de uma veterana no gênero. Os títulos dos minicontos fazem alusão a músicas, poemas ou filmes: repertório de lembranças onde o café faz as honras de um estudo poético, documentado por meio de histórias que abordam as experiências humanas através da ótica “cafeilística”. Sua escrita, ora impactante, ora sugestiva, agradará facilmente as exigências dos leitores, despertando olhares atentos e aguçando a imaginação, sem, em momento algum provocar sonolência: cafeína e literatura das boas. Os escritos de Adriana Aneli, passados no coador da sensibilidade, deixam-nos ávidos por um pouco mais de humanidade... regada ao sabor inigualável de um bom café!

Amor expresso

Gostava do café amargo. Fumaça volteando a borda da xícara. Sabia que o telefone não iria tocar. Não havia dúvidas de que o telefone não iria mesmo tocar. Estava feito. Pensou muito. A escolha: fosse sim e continuaria sua espera; fosse não, e logo se acostumaria com o nunca. Não, nunca, nunca mais. Liberdade é uma coisa boa. Liberdade é necessária para se continuar vivendo. Estava feito e não iria mais pensar nisso. Cortava o pensamento alguma lembrança. Se sacudisse com força, talvez se despregasse da cabeça. Não, não estava em seu coração. Não mais. Jarra trincada derrama o suco, vaso quebrado não segura flor, coração partido não retém ninguém. Então. Atribuiu um prazer novo à xícara que esquentava suas mãos. Carinho quase humano, o calor da xícara de café. Tranquila em suas mãos. Dez na escala de zero a dez, a xícara aquecendo aos poucos suas mãos. Pousou em sua coxa a xícara quente. Asa que sabia voar. Quando a xícara insistiu, deixou que lhe tocasse os lábios. A xícara de café tocou em silêncio sua boca. Jurou solene. Uma nova promessa de amor.

O milagre do pão

Sempre na mesma padaria. Ele chegava primeiro... ela, dez minutos depois. Sobre a mesa em que ela sempre se sentava, à direita, perto da escada, já esperava o cappuccino que, de hábito, ele pedia para ela. O suco de caju era ela quem pedia e em minutos pousava sobre a mesa dele, na janela, à esquerda. Nunca se sentaram juntos. Jamais trocaram uma só palavra. Mas eles se conheciam: quando os olhos dela se perdiam ao atravessar a rua... ele já sabia que a véspera tinha sido difícil. Ela lia, na inclinação ansiosa do seu corpo à janela, que ele estava tomado de saudade. Naquele dia atravessou a rua muito atenta. Nada viu à janela. Subiu de dois em dois os degraus da escada em caracol. Coração acelerado. Sobre sua mesa, nada. Com horror, sentou-se. Pediu café puro, sem leite, sem açúcar. Desceu amargo em sua garganta o cappuccino que o casal na mesa ao lado tomava de mãos dadas.

O ovo da serpente

Quando ele pediu o divórcio, a casa dela caiu. Sentiu tanto ódio. Arrancaria os olhos dele — se pudesse. Tudo aconteceu a um palmo de seu nariz, mas ela não desconfiou de nada. Coloca seu segredo contra o sol, que ninguém enxerga — dizia ele. Minha vida está garantida, pensava ela. Então soube que “aquela” adorava café. Riu orgulhosa da sua vingança: aceitava a separação, desde que ele não levasse a cafeteira Illy. Aliviado, ele concordou... despediu-se melancólico da antiga vida e, de mala na mão, atirou-se à vida que o esperava. Sem a cafeteira, porém, o ciúme estava instalado: ceder foi sinal de fraqueza... ou você busca a cafeteira, ou eu não fico com você — ouviu, enquanto às suas costas, a porta do novo apartamento bruscamente se fechava.

Com açúcar, com afeto

Quando ia se despedindo ela tocou sua mão. Ele perdeu a coragem de dizer que apesar de insistir tanto, apesar de tê-la desejado tanto, dia a dia, mês a mês naquele escritório, que apesar de não conseguir se concentrar quando um raio de sol refletia em seus cabelos, que apesar de todos os bilhetes e de todos os presentes deixados em sua mesa, que apesar da alegria quase insuportável quando ouviu que sim, ela aceitava ir com ele à lanchonete do segundo andar, que apesar de tudo isso ele não toleraria nem um minuto a mais ao lado de uma mulher que coloca cinco colheres de açúcar no pobre do café.

Perto dos olhos...

Não dava para dizer que não se conheciam. Rosnavam boa-noite ao se cruzar no hall do elevador, ou bom-dia na garagem. Nas assembleias de condomínio defendiam interesses opostos. Eram vizinhos de porta havia cinco anos. Era fim de tarde quando a campainha tocou com tamanha urgência que correu a abrir a porta. Foi arrastada sala adentro do apartamento da frente... pela nova empregada do vizinho. A senhora precisa me ajudar, precisa, pelamordedeus, porque eu preciso deste emprego e eu não vou conseguir se não arrumar esta cama; tenho que arrumar esta cama, mas eu nunca vi uma cama com tanto babado, lençol, edredom, almofadinhas eu... nem sei por onde começar! E nem ela, imagine, uma cama daquelas! Mas deu-se ao trabalho, enfim, era testemunha do desespero da mulher à sua frente. Ajoelhou, puxou, agachou, subiu... quando ele chegou, ela estava com o cabelo em desordem e a alegria infantil da vitória recémconquistada. Ninguém falou nada. Ao se olharem, viram-se pela primeira vez... Bastou para nunca mais deixarem de tomar café da manhã juntos, na cama desarrumada.

Longe do coração

Sabia que ela não tinha licença para trabalhar: acompanhou noutro dia a correria do “olha o rapa”. Diariamente testemunhava, às sete da manhã, a vendedora se instalando com tabuleiro, garrafa térmica e um sem-número de vasilhas plásticas na calçada em frente à sua loja. Sete e meia o tumulto estava formado. A fila insistia até a hora do almoço, escondendo as promoções da vitrine. Quando a paciência se esgotava — pontualmente — o dono da loja ligava para a subprefeitura. Na Ouvidoria, conhecia todos os atendentes pela voz. Naquela manhã chuvosa e fria percebeu, tarde demais, que perdera as chaves; o carro do filho acabava de dobrar a esquina. A gerente entraria daí uma hora e meia. Esperou no tempo. Todo encolhido... tossia. Num susto, percebeu a vendedora tocando seu braço. Ofereceu a ele café com um pedaço de bolo. O primeiro gole desceu quentinho... o bolo fofo restaurou sua alma no corpo. Quando a gerente chegou, apertou suas mãos e finalmente foi para casa. No meio da noite acordou em sobressalto: preciso cancelar a reclamação! ...mas estava com febre. A família o acalmou e ele voltou a dormir. Levantou tarde... e quando voltou à loja, a vendedora já não estava. Na esquina, um gatinho tentava abrir uma tupware abandonada.

Amizades particulares

Ele estava muito desconfiado. O jantar confirmaria tudo. Fez as reservas. O casal de amigos já os esperava. Calculou seu lugar à mesa: mulheres lado a lado. Passou a noite rastreando olhares, perfumes, posturas, decodificando diálogos. Entre bebidas e risadas escorregou seu iPhone para debaixo da mesa, modo vídeo... filmou. Pousada a sobremesa, foi ao banheiro. Assistiu... viu mais uma vez... e de novo. Por sob a toalha, as pernas se tocavam num balé delicado, amoroso e cúmplice, complementares, faziam seu feminino pacto. Deletou o vídeo e voltou para o seu lugar à mesa... olhou solidário o amigo de longa data... pediu ao garçom café para quatro.

Pra começo de conversa

Desde o primeiro dia em que cruzou o pátio das Arcadas, dedicou-se ao sonho da Magistratura. Não foi surpresa para ninguém quando, um ano depois de formado, assumia sua primeira comarca; adiada a vida privada, tampouco causou comoção que no churrasco de boas-vindas, ele caísse de amores pela filha do delegado. Enquanto todos bebiam tanto, esquentou o copo de Coca-Cola nas mãos, até que servissem a sobremesa. Discurso na ponta da língua, olhos fixos na morena, não impressionou com seus modos polidos. O delegado apoiava um dos braços nos ombros da filha, enquanto girava o copo de uísque à altura do queixo da moça. Dia seguinte, oito da manhã, terno, gravata, sapato e autoconfiança repassados, dirigiu-se ao fórum. Descendo a rua, promotor, prefeito e delegado. Tapinha nas costas: — Ainda dá tempo, vamos chegar lá no bar? — O juiz, o que vai tomar? — titubeou, correu os olhos pelas prateleiras: — Dá um rabo de galo! Os outros três se olharam. Foi o delegado quem pediu: — Para nós, café com leite...

Um dia perfeito para o peixe-banana

Atleta. Dos 12 aos 17 anos colecionou vitórias. Com a maioridade, passou a administrar perdas: o cachorro da família, o câncer do pai, o acidente do irmão, o coração da mãe, a boa forma física, e com ela, a namorada. Sem emprego, sem dinheiro, sem vontade, desistir pareceu uma escolha natural. Bom jogador, criou as próprias regras: sem dor — descartou a gilete, a queda, a corda; sem margem para erro —, descartou revólver, veneno e remédios. Optou pelo gás de cozinha. Decidido, foi. Mas, ao lado do fogão estava a lata de café solúvel. Amornou o leite. Sentou no sofá. Assistiu à noite que se despidia e ao dia que começava. Espreguiçou pernas e braços... sorriu: há sempre um pouco de paz em cada xícara de café com leite.

Teresinha

Na mesma semana já era o terceiro com quem se encontrava no bar. Conheceu a todos no Facebook e jurou amor eterno a cada um, enquanto dava-se tempo para fazer sua escolha. O primeiro, muito novo, descartou logo de cara; bastariam alguns anos para a diferença de idade pesar em seu desfavor. Do outro, detestou o perfume e, daquele, a calça justa que usava. Pediram café curto. Não adoçaram. O dela chegou frio, o dele fumegava. Delicadamente, ele trocou as xícaras e sequer percebeu quando ela excluiu todos os outros nomes da lista de contatos.

Encontros e desencontros

Olhou à sua frente, a adolescente fazia círculos na toalha com a ponta dos dedos. Não tinha ideia do que ela gostava. Do que não gostava, ainda menos. Encontraram-se há pouco menos de cinco minutos, mas entre eles o silêncio pesava. A garçonete os socorreu com seu bloco de pedidos. — E o que vão querer? A resposta saiu conjunta: expresso, por favor. Continuaram estranhos. Não sabiam por onde começar. Pudera, a última vez que a viu, não tinha completado seis anos. Um do outro, só conheciam a ausência. — Pra você, o de sempre, disse a garçonete... E para a mocinha, açúcar ou adoçante? — Canela, por favor. — Você também, filha?! Ela ergueu os olhos pela primeira vez desde que chegara e ele segredou, passando-lhe o pote: — É um hábito da nossa família, sabe? Ela não sabia, mas estava pronta para descobrir, pensou, enquanto num toque de mãos uma década inteira desaparecia entre eles.

A metáfora das asas

Quando o portão de ferro bateu às suas costas, soube que atravessou um ponto sem volta. Parte dele caiu junto com os cabelos raspados. Como chegava sem fama, acomodou-se dentro do uniforme e se calou na rotina do hospital-cadeia. Sem amigos, sem família, viveu anônimo no seu colchão do canto, banheiro no chão, passeios em círculo no pátio. As penas aqui se cumprem até o fim e mais um pouco, pensava, enquanto, mudo, servia café para os internos da cela. Um dia adoeceu e foi levado para nunca mais. Surpresos, agentes e enfermeiros assistiram aos companheiros chorarem ruidosamente. Com uma resistência acomodada no tijolo, uma caneca e pó de café, era ele quem devolvia a todos um pouco de humanidade.

Um amor e uma cabana

Amante da literatura acreditou

que bastavam: caneta, moleskine e uma xícara de café durante horas sobre a mesa do bar. Ela, ambiciosa, exigiu-lhe a vida inteira em troca de um bom livro. Foram felizes para sempre.

Um conto do destino

Vinha todos os dias. Pedia café com leite. Muito tímido, o barista não a deixava perceber as mãos trêmulas que lhe entregavam a xícara. Queria romper o silêncio, mas nem conseguia dizer “bom dia”. Para declarar o que estava sentindo, passou a estudar tutoriais de latte art. No final do expediente, treinava suas esculturas de espuma de leite. Levou à perfeição seu coração tridimensional com a frase “eu te amo”... desde então, ela passou a pedir, e para sempre, apenas uma xícara de chá.

Um lugar limpo e bem iluminado

Eles se amavam. Conforme o combinado, ele deveria decidir por uma, entre as recordações do casal: aquela que lhe trazia maior felicidade. Revisitou o passado. Ao final de um ano voltou para casa, sentou-se à mesa da copa e desabou num choro largo. Foi então que se ergueu confiante. Com um sorriso no rosto destampou a urna onde guardava as cinzas da esposa. Coou o café. Desfrutou ali na cozinha o reencontro com sua melhor lembrança.

Sem dor, sem ganho

Nunca se sentiu parte de nada. Estudou o mais que pôde, abocanhou vaga na faculdade e colocação no emprego público... ternos, escadarias, poltronas de veludo não entravam no seu repertório. Confiante no próprio estranhamento, trabalhou despercebido até que, em pleno expediente, trancou-se na sala de café. Nas primeiras horas, ninguém notou sua ausência, mas à medida que o dia avançava, começou o desespero coletivo para que saísse de lá. Iniciaram-se as negociações: que, por favor, não tocasse nos pacotes de wafers, nem nas carolinas, fresquinhas. E os brigadeiros? Silêncio, silêncio: muita calma ou ele faz alguma besteira. O que ele queria? Sair mais cedo, dispensa do relógio de ponto, uma mesa perto da janela? Para alívio de todos, o bolo de cenouras estava em segurança sobre a mesa da oficial maior. Quando decidiu abrir a porta viram, aterrorizados, a jarra da cafeteira nas mãos do sequestrador... dela, o vapor ainda escorria, pouco antes de se espatifar no chão.

A hora do lobo

Dezesseis anos recém-cumpridos. Primeira vez no cinema sozinha. Estava vazio. Sentou-se atrás, meio da tela. Dez minutos depois percebeu alguém ao seu lado pelo cheiro de bala de café que exalava. Empolgada com a escolha, envolvia-se cada vez mais na trama. Demorou a perceber a mão que subia pelo seu joelho. Em pânico, torceu com força os dedos do sedutor. Mudou de lugar e viu de canto de olho o vulto que saía. Um imbecil não a faria perder o final do filme.

Os belos dias

Combinaram no hotel o reencontro. Estava ansiosa, eufórica: vinte anos que não se viam. Tomou providências: roupa nova, ida ao cabeleireiro e maquiagem. Ela o viu ainda de longe, tomando seu café, muito concentrado. Não mudou nada! Sentou-se à sua frente. Entrelaçaram as mãos, antigos namorados. Ela nem lembrava como era aconchegante estar em sua companhia. Gentil, pediu-lhe um café com leite. Ela não falou nada, deixando-se afagar pelas lembranças que seu olhar lhe devolvia. A xícara chegou e antes que abrisse a boca, ele jogou adoçante lá dentro: — Depois dos quarenta, é melhor começar a cuidar da boa forma, né?... — brincou. Quando ele ergueu os olhos, a cadeira em frente já estava vazia.

O sol da tarde

Eles se amaram desde o primeiro dia e por todos os outros em que se encontraram. Viveram seu mundo próprio, artistas da poesia, do som, dos toques e imagens. Abriram suas portas onde todas as outras se fecharam. Apreensivos se despediram no café da sala de embarque. Os relógios pararam em seus pulsos, na hora exata da decolagem. Eles se separaram por uma semana apenas. Aquela semana durou para sempre.

Mesmo se nada der certo

Primeiro encontro. Elegante, passou o almoço calculando falas e gestos. Desavisada, caiu na armadilha da salada. Durante a luta para dominar molho e folhas, viu a própria blusa respingada de aceto balsâmico. Disfarçou, inclinando o corpo para a frente. Atenta, riu cúmplice de uma anedota até perceber o agrião preso em seu aparelho. Ele não ligou no dia seguinte. Desde então, ela pede apenas café nos primeiros encontros.

Até que a vida nos separe

O motivo do crime, segundo o Delegado, pode ser passionai: a esposa odeia cheiro de café. O marido levava vida secreta na padaria da rua de baixo. A mancha na calça denunciou a traição.

A vida em preto e branco

Antes do café da manhã, ela foi concebida. Ele, durante as férias na fazenda. Ela exigia café para aliviar os enjoos da mãe gestante. Ele, sorvete de creme. Nascida, chorava tanto a noite inteira, que a pobre mãe socorria-se no expresso para manter os olhos abertos. Ele dormia com tal entrega, que a mãe o sacudia para que pegasse o peito. Para ela, café morno na mamadeira. Para ele, leite e açúcar. Opostos, foram atraídos para a mesma festa. Ele a viu primeiro: extraforte, dando-se ares superiores; ele, adocicado, sentiu logo que ia ferver. Naquela agitação, foram chegando, conversando e se misturando na maciez dos corpos. Entre notas florais e vapores lácteos se beijaram. Corações na mesma velocidade, incorporados para sempre.

Nighthawks

Recebeu o primeiro aviso no fim da tarde. Dirigia com pressa. Entre ansiedade e frustração, o sol amornava o carro e o pensamento pesava em suas pálpebras. Acordou com buzina e farol alto. Na contramão, por um triz do fim da estrada. Coração aos pulos, reengatou a marcha. Indiferente ao casal à sua frente, escolheu o balcão da lanchonete: “Seu filho nasceu. Venha com calma” apitou a mensagem em seu celular. Brindou por duas vidas com seu pingado.

Tristão e Isolda

Ele colocou mais lenha na

lareira enquanto ela, vestindo branco, ria seu sonoro desastre no espelho do banheiro. Sabiam da paixão. Conheciam o desejo. Sonharam o amor perfeito, durante poucas horas. Quando esqueceram a vida que levavam, tomaram para si o pequeno quarto de hotel. Os dois. Um instante. Esta cama. Não se despediram... Quando acordou, e sem surpresa, achou sobre a mesa uma xícara de café, esfriando sozinha, mais esta vez.

O diabo veste Prada

Seu coração disparou quando a viu. Naquele horário, naquela avenida, em meio a tantas pessoas foi difícil segui-la por longo tempo. Quase se desesperou ao respeitar o semáforo, enquanto ela seguia em frente. Conseguiu recuperar a distância. Andou alguns minutos atrás dela, saboreando demoradamente a estampa do seu vestido: grãos maduros de café emoldurados por pequenas flores brancas. Por fim tomou coragem e se aproximou, mal escondendo a euforia. Pegou a moça pelo braço... disparou: — Menina, onde foi que você comprou este vestido?! Preciso muuuuito de um igual!

O escafandro e a borboleta

Ainda lutava. Secretamente, porque ao redor ninguém mais acreditava. Por oito anos em coma ouviu passos espaçarem, choros se tornarem raros. Naquele torpor, ela entrava. Pontualmente. Apoiava a caneca de café coado na mesinha ao lado de sua cabeça e ia bebericando, enquanto procedia à minuciosa limpeza do corpo inerte. E por isso ele ainda lutava. Secretamente.

Beleza roubada

Desde a adolescência sofria a maldição da beleza. Não tinha a estética fácil, que se nota ao primeiro olhar; nem a outra, que intimida e torna inalcançável. Apenas um encanto simples, que brotava dos olhos, mas seduzia como um abismo. Em troca dessa fortuna, o que olhava virava desencanto; amar, que parecia fácil, tornou-se um grande problema. Bastava se apaixonar, que nascia o ciúme... e do ciúme, alguma tragédia. Passou a viver pelas beiradas, cabeça baixa, sempre de óculos escuros. E se isolou. Mal saía de casa, usava deliverys, comprava no quiosque da rua um café e saía tomando apressada. Naquele dia comprou seu Venti. Então se encontraram desastrosamente... bengala branca para um lado, expresso triplo pelos ares. Vivem juntos e livres, até que a morte os separe.

Deus da carnificina

Quase completava um ano que, ao final do expediente, ele recolhia o lixo do oitavo cartório. Quando ele se aproximava de sua mesa, ela gentilmente se abaixava. Entregava a ele a lixeira, um sorriso no rosto e um delicado até amanhã. Ela não sabia seu nome, mas ele conhecia a marca do lenço umedecido com o qual ela limpava as mãos, a barrinha de cereais de sua preferência e a marca do adoçante que usava em seu café. Devotava-se a estudar seu lixo, na esperança de quem sabe um dia... Quando entrou, ela estava cercada pelos colegas, recebendo alegres cumprimentos. Com a timidez ardendo em seu rosto, resolveu que já era hora. Tomou coragem, pediu licença e penetrou a roda. Foi em sua direção. Ela, sempre gentil, mais uma vez se abaixou e depositou em suas mãos a lixeira transbordante da festa de aniversário.

Estômago

Nos bancos do portão de embarque, disfarçava a tentativa de vencer o medo de avião. Ele, em pé ao balcão, tolerava a terceira viagem da semana, apressando uma xícara de café quente, enquanto conferia, ao celular, o horário do próximo compromisso. Para distrair a espera, ela retirou da bolsa um pacote. A mão tremeu no caminho da broa de fubá à boca. Ele desligou o celular assim que a viu. Em dois passos já estava ao seu lado: — Caseira? É mesmo caseira? — É sim. Aceita? Tenho mais aqui... Mastigavam em silêncio. Ela, sem lembrar o medo; ele se esquecendo da própria vida, enquanto esperavam a hora do voo.

O sal da terra

Arco-íris em plena segunda-feira. Mal podia esperar. Namoravam há um ano, tudo combinado, a primeira comemoração, eles se encontrariam ao final do dia, no mesmo cinema em que se conheceram. Divertida, linda, perfumada desceu a escadaria do prédio... Não, mensagem nova: espero você no café em frente ao seu trabalho. Correu até ele. Chegou por trás, já beijando de leve sua nuca, o pescoço. Abraço apertadinho, feliz, feliz... te amo tanto!, deslizou o presente à sua frente. Ele nem a olhou, desculpe, recusou o pacote. Ela ainda ensaiava um sorriso, quando o golpe veio fatal... então ele levantou e saiu da sua vida. Ela tomou um café. Salgado e frio.

O jogo de emoções

Ele era um tipo fechado. Ela, leitora dedicada, devorava cada um de seus poemas. Descrente, ele nunca mais escrevera um só verso. Ela vasculhava o mundo para saber como encontrá-lo. Conhecedores da paixão que se arrastava, amigos denunciaram onde ele almoçava às sextas-feiras de todas as semanas. Sentou-se à mesa em frente. Imitou cada um dos seus pedidos: do Negroni ao café com chantilly, em separado por gentileza. Ao final ele se levantou e caminhou em sua direção. Deixou em suas mãos a conta e um poema com o nome dela.

O pescador de ilusões

Morava naquela calçada... até as pessoas de bem se sentirem incomodadas. Então se mudava para outra calçada. A vida cabia na mala e ele a arrastava. Pedia dinheiro para o café. Não davam. Vai pra crack e cachaça. Não ia não. Ele não queria crack e nem cachaça. É verdade. Queria café. Comida arrumava. Queria café. Café, moço. Perdeu o juízo, mas não a vontade. Só queria um copo de café quente, muito quente, tão quente que descesse pela garganta queimando, queimando, quente... até aquecer a ponta dos dedos nesta manhã gelada.

A hora da estrela

Assustada com o futuro lido na borra de café passou a tomar chocolate quente.

Parenti serpenti

Recém-casada, primeira vez que os recebia. Conferiu três vezes a quantidade de água e o tanto exato de pó no coador. Apegados às tradições mineiras, gostavam de chafé passado na água doce. Ela, paulistana, lidava melhor com café em cápsula. Serviu com bolo de queijo, presente das visitas. Não se deu conta de que a sogra, solícita, completou de sal o açucareiro.

La dolce vita

Seis, café com leite... oito, secagem de grãos. Treze, fruta madura. Quinze, primeira colheita. Dezoito, tiramisù. Vinte, expresso triplo. Vinte e quatro, café com conhaque: vida torrando... blend amargo.

Da vida das marionetes

Escritor

independente

busca

editor ousado, atencioso, companheiro, interessado em múltiplos gêneros literários para bate-papos em café ou algo mais. Sigilo absoluto.

Café da manhã em Plutão

Sala de interrogatório... tapete vermelho. Crucifixo de barro. Da curul, o juiz pede que tirem as algemas, que se sente e ainda oferece café ao réu, sob os olhares atônitos do público e da vítima. Gente sendo tratada como gente. Fato extraordinário.

Momento num café

Confere o cardápio: crepe de chocolate... checa a carteira: café curto. Cede. Come, calculando a conta. Caro! Caminha com culpa. Consola-se no cigarro, calmamente, consumido em cinzas.

Sete pecados

Trabalhava na livraria do shopping. Melhor conhecedor de livros que qualquer outro, irritava-se ao atender seus clientes iletrados... viciado em café, escapava-se para a copa e lá se deixava por horas, avançando sobre bolinhos comunitários, que não ajudara a comprar. Cobiçava a vendedora da perfumaria em frente, a loja vazia e seus dedinhos roubando grãos da prateleira de amostras.

Nas terras do rei Café

Acelerando sua SUV no semáforo fechado, ignorou o panfleteiro até ver que distribuía mudinhas de café. Baixou o vidro. No encarte sobre sustentabilidade, as lembranças da infância no sítio do avô. Então ele voltou para casa. Guardou o carro na garagem e retomou, agora a pé e com a plantinha nas mãos, o caminho da padaria no fim da rua.

Perdas e danos

Uma artista, uma pintora! Sempre soube que tinha qualidades; a professora elogiou sua lição e lhe fez o desafio para a próxima aula: a arara... diante de tantas cores, trabalhou a noite inteira. As mãos doíam, as pálpebras pesavam. Satisfeita, deixou o desenho sobre a mesa da cozinha e foi se arrumar para a escola. Voltou, entusiasmada... Mas no céu azul clarinho, boiava úmida, negra, a rodela da xícara que a mãe tomava, alheia à sua obra.

Homo fugit velut umbra

Sem energia elétrica, perdeu a hora. Sem cafeteira, nem computador, celular descarregado, à beira do colapso, sem ter por onde começar fez o que nunca lembrava: abriu a janela. Quando a luz natural invadiu o quarto, não encontrou a si mesma no espelho. Marquinhas na testa, boca vincada, fios de cabelo brancos iluminavam os olhos castanhos de sempre. Quando a luz voltou, sua pressa tinha acabado.

Feios, sujos e malvados

Desta vez realizaria seu sonho. Desceram do ônibus em grupo. Desfilaram pela rua até a entrada do shopping. Nas mãos de policiais ou das atrizes de seriado, sempre os via, café em copos imensos. Bebiam confiantes na vida. Na porta, os seguranças já os esperavam com seu não é permitido. Teatro, salas de cinema, livraria e bons restaurantes, ali não era lugar de tumulto. Reclamaram. Xingaram. Até ameaçaram lutar... mas, como era de costume, aceitaram a ordem e dispersaram. De longe ela ainda via a lanchonete e suas mesas ocupadas. Fica pra próxima.

Kiva Han Coffee

A lenda etíope do café; os primeiros povos a cultivar café; a cultura do café; o cultivo de café no Brasil; a economia cafeeira; a exportação do café; os barões do café; a política do café com leite; a crise do café... cansado de ser professor de História, mudou seu rumo, virou barista.

Mamãe faz cem anos

Não se falavam desde o enterro da mãe; dividiram em paz apartamento, carro, joias e dinheiro... elas nunca chegaram ao acordo com relação às xícaras de café. Aquelas, de porcelana fina, com a japonesinha desenhada no fundo.

Gato preto, gato branco

Passou a vida aceitando. Por favor e obrigada. Sem escapatória não fez faculdade, não trabalhou fora, não usou calça comprida, não casou com quem queria. Lustrou o piso da mesma casa por 50 anos e criou filhos, ensinou receitas às noras, festejou netos. Aos 70 anos cometeu a sua primeira rebeldia: livrou-se do coador de pano e comprou uma cafeteira de extração francesa... cafeinada e muito sexy .

A hora do pesadelo

Ainda hoje a lembrança a apavora. A sádica figura tinha mãos enormes e se debruçava sobre suas obturações depois de tomar café e fumar um cigarro.

Música callada

A sala de aula os acolheu pela última vez. Era mestre, ela, aluna. Atravessaram a rua, não tinha volta; tocaram mais alto e a plateia toda os ouviu; proibidos, misturaram teclas brancas negras dedos e desejos: música impressa sobre o teclado. Despediram-se com um aperto de mãos, quem sabe um dia... um encontro... um café.

Como água para chocolate

Os sinais vieram e ela nasceu ali mesmo na cozinha, entre bolinhos de chuva e vapores da cafeteira elétrica. Muda, aprendeu na culinária o seu vocabulário. No dia em que ele entrou em sua vida, sentiu a contração das veias, artérias... a agitação, a ansiedade, a aceleração dos batimentos cardíacos. Serviu-lhe queijo cremoso com café e frutas secas, assado com molho de café, panna cotta de café com leite e coco, shot de cointreau e café solúvel... Com aroma de café coado e casquinha de limão no ar, ele a pediu em casamento.

Bicho de sete cabeças

Ansiedade incomum, enxaquecas e insônia, pesadelos ao piscar de olhos, nem fome sentia: estava consumido pelo vício. Quando o médico o proibiu, já tomava mais de dez durante o dia. Para fugir à vigilância, saiu de casa. Arrumou emprego noturno e rondava de bar em bar pedindo um pouco de alívio. Escapou por um milagre e um dia venceu a dependência... Mas contam que, secretamente, ainda coleciona recortes sobre os benefícios do café para o coração humano.

cafégrafia

O Projeto: “Algo estranho no ar: famílias de família e famílias nem tão de família” por Giselle Câmara Groeninga. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2015-fev-15/algo-estranho-ar-familias-familia-familias-nem-tao-familia>. Acesso em 24 ago 2015.

1. Amor expresso (Amores expressos). Filme — Direção de Wong Kar-Wai - Hong Kong, China, 1994.
2. O milagre do pão Documentário — Roteiro e Direção de Isa Grinspum Ferraz — Trilha sonora de Arnaldo Antunes e Marco Antonio Guimarães, e narração de Paulo Miklos — Brasil, 2009.
3. O ovo da serpente Filme — Direção de Ingmar Bergman, EUA/Alemanha Ocidental, 1977.
4. Com açúcar, com afeto Música — Chico Buarque de Holanda, 1967.
5. Perto dos olhos... Dito popular
6. Longe do coração Dito popular
7. Amizades particulares Romance — Roger Peyrefitte — França, 1944; Filme — Les amitiés particulières, Jean Delannoy, França, 1964.
8. Pra começo de conversa ... quando a gente vai contar um “causo”.
9. Um dia perfeito para o peixe-banana Conto – J. D. Salinger, “A perfect day for bananafish” — Revista The New Yorker, em 1948.
10. Teresinha Música, Chico Buarque de Holanda, 1977.
11. Encontros e desencontros Filme — Direção de Sofia Coppola, EUA, 2003.
12. A metáfora das asas. Livro de Poemas de Manuel C. Amor. Edium Editores. S. Coimbra: Mamede de Infesta, 2008.

13. Um amor e uma cabana Dito popular.
14. Um conto do destino Filme — Direção de Akiva Goldsman EUA, 2014.
15. Um lugar limpo e bem iluminado Conto — Ernest Hemingway. Contos. Vol. 2. Tradução: Ênio Silveira e José J. Veiga. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
16. Sem dor, sem ganho Filme — Direção de Michael Bay, EUA, 2013.
17. A hora do lobo Filme — Direção de Ingmar Bergman, Suécia, 1968.
18. Os belos dias Filme — Direção de Marion Vernoux, França, 2013.
19. O sol da tarde Poema de Konstantinos Kavafis, Os Poemas. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.
20. Mesmo se nada der certo Filme — Direção John Carney, EUA, 2014.
21. Até que a vida nos separe Filme — Direção de José Zaragoza, Brasil, 1999.
22. A vida em preto e branco Filme — Direção de Gary Ross, EUA, 1998.
23. Nighthawks Pintura — Edward Hooper, 1942.
24. Tristão e Isolda Mito celta — A história foi transformada em ópera por Richard Wagner (música e libretto), em 1859.
25. O diabo veste Prada Filme — Direção de David Frankel, EUA, 2006.
26. O escafandro e a borboleta Filme — Direção de Julian Schnabel, França/EUA, 2007.
27. Beleza roubada Filme — Direção de Bernardo Bertolucci, Itália, 1996.
28. Deus da carnificina Filme — Direção de Roman Polanski, EUA, 2011.
29. Estômago Filme — Direção de Marcos Jorge, Brasil, 2007.
30. O sal da terra Filme — Direção de Wim Wenders e Juliano Ribeiro Salgado, Alemanha/Brasil, 2014.

31. O jogo de emoções Filme — Direção de David Mamet, EUA, 1987.
32. O pescador de ilusões Filme — Direção de Terry Gilliam, EUA, 1991.
33. A hora da estrela Romance — Clarice Lispector — Ed. Rocco, 1998; Filme — Direção de Suzana Amaral, Brasil, 1985.
34. Parenti serpenti Filme — Direção de Mario Monicelli, Itália, 1992.
35. La dolce vita Filme — Direção de Federico Fellini, França/Itália, 1960.
36. Da vida das marionetes Filme — Direção de Ingmar Bergman, Alemanha, 1980.
37. Café da manhã em Plutão Novela — Patrick McCabe — Breakfast on Pluto, Ed. Picador, 1998. Filme — Direção de Neil Jordan, Reino Unido/Irlanda, 2005.
38. Momento num café “Poema” — Manuel Bandeira: Poesia Completa e Prosa, Cia. José Aguilar, Editora, 1974.
39. Sete pecados Coletivo — Scenarium Livros Artesanais, 2015
40. Nas terras do rei Café Romance — Francisco Marins — Melhoramentos, 1956.
41. Perdas e danos Filme — Direção de Louis Malle, Inglaterra/França, 1992.
42. Homo fugit velut umbra Música barroca — Passacaglia della Vita — Stefano Landi, compositor italiano (1587-1639).
43. Feios, sujos e malvados Filme — Direção de Ettore Scola — Itália, 1976.
44. Kiva Han Coffe Kiva Han foi a primeira cafeteria do mundo, fundada em Constantinopla, em 1475.
45. Mamãe faz cem anos Filme — Direção de Carlos Saura, Espanha/França, 1979.
46. Gato preto, gato branco Filme — Direção de Emir Kusturica — Iugoslávia, 1998.
47. A hora do pesadelo Filme — Direção de Wes Craven e Samuel Bayer. EUA, 1984.

48. Música callada Música — Federico Mompou, compositor espanhol (1893 | 1987).
49. Como água para chocolate Romance — Laura Esquivel — São Paulo: Martins Fontes, 1993. Filme — Direção de Alfonso Arau — México, 1992. Obs: as receitas citadas no miniconto estão disponíveis no site: <http://www.mexidodeideias.com.br>
50. Bicho de sete cabeças Filme — Direção de Laís Bodanzky — Brasil, 2000, baseado no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno, Canto dos Malditos.